

A CARTEIRA

Arnold Fine

Em um dia gelado, quando voltava para casa, tropecei em uma carteira que alguém deixara cair na calçada.

Peguei-a e olhei o conteúdo à procura de alguma identificação para que pudesse avisar o dono. No entanto, a carteira tinha somente três dólares e unia carta amassada, que parecia estar ali havia anos.

O envelope estava gasto e a única coisa legível nele era o endereço do remetente. Comecei a abrir a carta, à espera de alguma dica. A seguir, vi a data – 1924. A carta fora escrita quase 60 anos antes de eu encontrá-la.

O papel da carta era azul, com uma pequena flor no canto esquerdo, e a letra era bonita e feminina. Era uma carta de rompimento que dizia ao endereçado, cujo nome parecia ser Michael, que ela não mais poderia vê-lo, pois a mãe a proibira. Mesmo assim, dizia a ele que sempre o amaria, e assinava a carta como, Hannah.

A missiva era muito bonita, mas não havia outra maneira de identificar o proprietário, a não ser pelo nome Michael. Talvez, se eu chamasse o auxílio à lista, a telefonista pudesse informar o endereço do remetente.

– Telefonista – disse eu – este é um pedido nada comum. Estou tentando achar o proprietário de uma carteira que encontrei na rua. Existe a possibilidade de você me dizer o telefone referente ao endereço que está no envelope dentro da carteira?

Ela sugeriu que eu falasse com a supervisora, que hesitou por um momento, mas disse a seguir:

– Bem, há um número de telefone registrado nesse endereço, mas não posso fornecê-lo.

Ela, no entanto, como cortesia, poderia fazer uma ligação para aquele número, explicar minha história e perguntar se aceitariam falar comigo. Esperei alguns minutos e, logo depois, a supervisora estava na linha novamente.

– Aceitaram falar com você!

Perguntei à mulher do outro lado da linha se ela conhecia alguma Hannah. Ela deu um suspiro antes de responder:

– Nossa! Compramos essa casa de uma família que tinha uma filha cujo nome era Hannah. Isso, porém, foi há 30 anos!

– Será que poderia me dizer onde eu localizo essa família? – perguntei.

– Lembro-me que Hannah colocou a mãe em um asilo alguns anos atrás. Talvez possam localizar a filha, se você entrar em contato com eles.

Ela me informou o nome do asilo, e telefonei imediatamente para lá. Disseram-me que a idosa senhora já morrera havia alguns anos, mas que tinham o telefone de onde a filha deveria estar morando.

Agradei e telefonei para aquele número. A mulher que atendeu ao telefone explicou que Hannah estava em um asilo.

Que tolice, pensei. Por que estava fazendo tantos malabarismos para achar o proprietário de uma carteira que tinha apenas três dólares e uma carta de quase 60 anos?

Apesar disso, telefonei para o asilo onde, ao que tudo indicava, Hannah estava. O homem que atendeu ao telefone confirmou que havia uma Hannah ali.

Embora fosse dez da noite, perguntei se poderia ir vê-la.

— Bem — disse o homem — se você quiser arriscar, ela pode ainda estar na sala de convivência, assistindo à televisão.

Agradei e fui até o asilo. À porta, a enfermeira da noite e o guarda me cumprimentaram. Fomos até o terceiro andar daquele prédio enorme. Na sala de convivência, a enfermeira apresentou-me a Hannah. Era uma senhora doce, com um sorriso acolhedor, cabelos prateados e olhos vivos. Contei-lhe sobre a carteira que encontrara e mostrei-lhe a carta. No momento em que ela viu o papel de carta azul com uma pequena flor no canto esquerdo, respirou profundamente e disse: — Meu jovem, esta carta foi meu último contato com Michael. Ela desviou o olhar por um instante, absorta em seus pensamentos, e a seguir disse suavemente: — Eu o amei muito. Na época, tinha apenas 16 anos, e minha mãe achou que eu era jovem demais. Ah! Mas como ele era bonito. Ele parecia o Sean Connery, o ator. É — continuou ela — Michael Goldstein era uma pessoa maravilhosa. Se você o encontrar, diga-lhe que, com frequência, penso nele. E — hesitou por um momento, quase mordendo o lábio, concluiu — diga-lhe que ainda o amo. Sabe — continuou, sorrindo, embora lágrimas começassem a brotar em seus olhos — eu nunca me casei. Acho que jamais alguém se equiparou ao Michael. Agradei Hannah e me despedi dela. Peguei o elevador para G primeiro andar, e, enquanto estava parado perto da porta, o guarda me perguntou: — O senhor conseguiu ajudá-lo? Disse-lhe que Hannah tinha dado uma pista. — Pelo menos tenho um nome! — disse-lhe. — Acho que vou dar um tempo nesta busca. Passei quase um dia inteiro tentando achar o dono desta carteira. Tirei a carteira, que era bem simples, de couro marrom com debrum vermelho. Quando o guarda a viu, disse-me: - Ei! Espere aí! Esta é a carteira do Sr. Goldstein! Eu a conheço muito bem! É inconfundível em razão deste debrum vermelho! Ele sempre perde esta carteira. Eu já a encontrei pelo menos três vezes no saguão de entrada.

— Quem é o Sr. Goldstein? — perguntei, e minhas mãos ficaram trêmulas.

— Ele é um dos internos do oitavo andar. Esta certamente é a carteira de Michael Goldstein. Ele deve tê-la perdido em uma de suas caminhadas.

Agradei o guarda e voltei rapidamente para o escritório da enfermeira. Contei-lhe o que o guarda acabara de dizer. Pegamos o elevador e continuamos a busca. Orei para que o Sr. Goldstein estivesse acordado.

No oitavo andar, o enfermeiro responsável nos disse:

— Acho que ele ainda está na sala de convivência. Ele gosta de ler à noite. É um senhor muito querido!

Fomos para o único cômodo que ainda tinha luzes acesas, e lá um homem lia um livro. A enfermeira aproximou-se dele e lhe perguntou se

havia perdido a carteira. O Sr. Goldstein a olhou surpreso, pôs as mãos no bolso de trás e disse:

– É, ela não está aqui!

Eu entreguei a carteira ao Sr. Goldstein e, no momento em que ele a viu, sorriu aliviado e disse:

– É esta aqui mesmo! Devo tê-la deixado cair hoje à tarde.

Gostaria de lhe dar uma recompensa.

– Não obrigado! – respondi-lhe. – Mas tenho de dizer-lhe algo. Li a carta que está aí dentro, na esperança de encontrar algo que pudesse identificar o proprietário da carteira.

O sorriso dele se desvaneceu rapidamente.

– Você leu a carta? – perguntou-me.

– Não só li, mas acho que sei onde Hannah está.

– Hannah? – perguntou-me, após empalidecer só de ouvir o nome dela. – Você sabe onde ela está? Ela ainda é tão bonita quanto antigamente? Por favor, conte-me mais. Por favor!

– Ela está bem... tão bonita quanto na época em que a conheceu – disse-lhe suavemente. Aquele homem idoso sorriu em antecipação e perguntou: – Você poderia me dizer onde encontrá-la? Quero telefonar-lhe. Sabe – continuou, enquanto agarrava minha mão – eu estava tão apaixonado por aquela garota que, quando recebi esta carta, minha vida parecia não ter mais sentido. Nunca me casei. Acho que sempre a amei. – Sr. Goldstein – disse-lhe – venha comigo. Pegamos o elevador para o terceiro andar. Os corredores estavam escuros, e havia apenas uma ou duas lâmpadas noturnas acesas em nosso caminho até a sala de convivência, onde Hannah estava sozinha assistindo à televisão. A enfermeira foi até ela. – Hannah – eu disse suavemente, enquanto apontava o dedo para Michael –, você conhece este homem? Ela arrumou seus óculos, olhou-o por um momento, mas não disse uma palavra sequer. – Hannah! Sou eu, o Michael. Lembra-se de mim? – perguntou ele. – Michael! – suspirou ela. – Eu não acredito! Michael! É você? Meu querido Michael! Ele caminhou vagarosamente até ela, e eles se abraçaram. A enfermeira e eu saímos, e lágrimas banhavam nosso rosto. – Viu – disse eu – como o Senhor trabalha? Se for para ser, será! Cerca de três semanas depois recebi, em meu escritório, um telefonema do asilo. – Será que você poderia vir até aqui no domingo? Michael e Hannah vão se casar. Foi um casamento muito bonito, com todas as pessoas do asilo bem vestidas para comparecerem à cerimônia. Hannah usava um vestido bege claro e estava linda. Michael vestia um terno azul marinho e parecia mais alto, pois estava apumado. Fui o padrinho deles. O asilo providenciou um quarto só para eles. E se você nunca esperou que uma noiva de 73 anos e um noivo de 79 pudessem se comportar como adolescentes, enganou-se, pois esse casal foi capaz de tão distinta jovialidade. Um desfecho perfeito para um caso de amor que durou quase 60 anos.

Se eu pudesse reinventar o alfabeto, poria o vocêu
– de você e eu – um ao lado do outro.

AUTOR DESCONHECIDO